Aula 8

AS ÚLTIMAS INVASÕES DA EUROPA OCIDENTAL (SÉCULOS IX E X)

META

Analisar o impacto das chamadas "últimas invasões" no período do Império Carolíngio, assim como, traçar um paralelo comparativo com as chamadas "invasões bárbaras" que ocorreram, principalmente, no final do século IV e princípios do século V e que culminaram na desestruturação do Império Romano do Ocidente. Deste modo, procuraremos as principais similitudes e diferenças entre esses dois fenômenos que, cada um a seu modo, ajudaram gradualmente a moldar as características políticas da Alta Idade Média.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
Ser capaz de explicar os impactos das últimas invasões para o Ocidente Alto Medieval
Co-relacionar tal fenômeno a nova configuração territorial e política do final da Alta Idade Média.

Lenalda Andrade Santos
Bruno Gonçalves Alvaro

INTRODUÇÃO

Estabelecido o Império Carolíngio, o mesmo não se viu isento de perigos e migrações que, assim como no passado romano, abalaram suas estruturas. O tema "últimas invasões", como denomina Marc Bloch, em seu conhecido livro A *Sociedade Feudal*, ou, como em outros casos, as novas migrações, ocorreu nos últimos séculos da Alta Idade Média (rever referência cronológica dos períodos da Idade Média na aula 1) e como veremos na disciplina História Medieval II, proporcionou diversas mudanças sociais e políticas.

Na aula de hoje, nos fixaremos nessa característica específica ocorrida no período carolíngio, pois consideramos ser um tema de extrema pertinência para compreendermos melhor o feudalismo. Assim, nosso objetivo principal é o de caracterizar essas invasões e, ao mesmo tempo, realizar uma breve análise comparativa com as chamadas "invasões bárbaras" ou "migrações germânicas" do período final do Império Romano do Ocidente.

O IMPÉRIO CAROLÍNGIO, MAIS UMA VEZ

Tem-se repetido demasiadamente que o Império Carolíngio estava constituído sobre bases muito frágeis. Isso fica mais evidenciado quando se refere a suas estruturas defensivas frente a um inimigo externo. O conhecido sistema de marcas foi pensado para fazer frente aos inimigos sedentários e não para àqueles que baseavam seus ataques em idas e vindas nos territórios carolíngios. Vale lembrar que as marcas eram territórios fronteiriços do império e, em geral, governadas pelos marqueses.

Outro fator destacado pela historiografia foi a falta de interesse dos carolíngios pelo mar, um grande defensor dessa perspectiva, atualmente bastante renegada por diversos medievalistas, foi Henri Pirenne. Por fim, não podemos deixar de levar em consideração os diversos conflitos internos que se sucederam após a morte do imperador carolíngio.

Como salienta Jacques Heers:

> O impero carolíngio, já enfraquecido por frequentes divisões sobre, ao mesmo tempo, os ataques dos povos do mar, em todas as suas costas, e dos cavaleiros das estepes em suas fronteiras do leste. Essas novas migrações provocaram algumas vezes, lá onde se fixam os invasores, a formação de novos Estados mais ou menos estáveis e modificaram, assim, o mapa político do Ocidente. Elas arruinaram sobretudo a coesão do mundo cristão, minaram em toda parte a autoridade real, precipitaram a evolução das estruturas políticas e a emancipação dos pequenos chefes (HEERS, 1977, p. 53).

Porém, não podemos deixar de perceber que o problema das novas invasões supera o marco do *regnum francorum* e a definição de "segundo as-

salto a Europa cristã", como denominou Lucien Musset. Esse fenômeno deve ser inserido num novo grande processo migratório de dimensões continentais, menos uniforme que as "invasões germânicas" do século V, é claro, contudo, não menos importante e prolongado.

Como demonstra Jacques Heers, já na segunda metade do século IX, o Império Carolíngio se viu incapaz de resistir a esses ataques que, de certo modo, já eram perigosos na época de Carlos Magno (HEERS, 1977). De maneira geral, este historiador ressalta três explicações que, segundo ele, são invocadas geralmente:

> - De uma parte a debilidade da ideologia imperial, expandida somente no estreito círculo dos condes, duques, margraves ou bispos e praticamente desconhecida pelos chefes subalternos, e mais ainda, certamente, pelas massas populares. Desde o fim do reinado de Luís, o Piedoso, foi difícil reunir contingentes militares para fazê-los participar da defesa comum, longe de suas províncias. Mui frequentemente os chefes, mesmo os grandes, recusavam-se a atender ao apelo do rei e Carlos, o Calvo, jamais conseguiu manter guarnições suficientes nas pontes fortificadas.
> - Por outro lado, a organização dos exércitos carolíngios destinada somente à ofensiva: uma cavalaria bastante pesada, pouco maleável, muito demorada para se reunir, disponível somente alguns meses por ano; uma marinha praticamente inexistente; principalmente a ausência de praças fortes: cidades e mosteiros encontravam-se, na maior parte, sem muralhas.
> - Enfim, o pânico que tomou conta das populações desde os primeiros ataques. Os invasores esforçaram-se por criar um clima de terror através de abomináveis massacres, atrocidades exemplares, seus próprios costumes. Nessas condições, todo o espírito de resistência desintegra-se (HEERS, 1977, p. 53-54).

ASPECTOS GERAIS DAS INVASÕES

Os principais objetivos dessas "novas invasões", durante muito tempo, foram as pilhagens. Como afirmamos anteriormente, diferentemente da fase final das migrações germânicas que acabam por fixar-se no chamado limes, ou seja, as muralhas que cercavam Roma, esses novos povos invasores não se estabeleceram imediatamente nos territórios do Império Carolíngio. Ao contrário, seus ataques eram esporádicos, sendo caracterizados por ataques militares que visavam saquear as regiões atingidas por suas cavalarias, com isso, regressavam aos seus acampamentos a cada inverno com o resultado de suas empreitadas: "tesouros de mosteiros principalmente, relicários, estátuas, objetos de arte, mobiliário litúrgico; o ouro era fundido tão-logo chegava" (HEERS, 1977, p. 54).

Ainda segundo Jacques Heers:

> A perseguição ao espólio mais do que a esperança de algum tipo de dominação política, lançava assim os homens à aventura. Mas não em direção ao desconhecido: os itinerários das incursões seguiam ou as rotas das antigas invasões germânicas ou as rotas mercantes geralmente muito freqüentadas (HEERS, 1977, p. 54).

Podemos, desta maneira, ao compararmos as primeira invasões – aquelas ocorridas entre o século IV e o V – com as chamadas últimas invasões, poderemos perceber que as duas possuíram caráter migratório, entretanto, na primeira há uma evidente sedentarização que é marcada, inclusive, com a desestruturação do Império Romano. Por sua vez, os povos destas invasões que estamos tratando nessa aula, não se instalaram tão rapidamente quanto os germanos nos territórios atacados.

Ao mesmo tempo, é possível verificar que a estrutura político-administrativa do Império Carolíngio, possibilitou nos séculos IX e X uma melhor absorção desses povos, evitando assim certo tipo de "quebra" como verificamos no caso romano. Como o poder administrativo e mesmo político já não estava mais tão centralizado nas mãos do Imperador, inclusive, o exército, cada marca, condado, enfim, cada local foi de pouco em pouco protegendo seu território, desta maneira, a própria idéia "imperial" carolíngia se mantém, mesmo após a fragmentação total do Império consolidada no Tratado de Verdun (843).

Como o objetivo principal desse material é possibilitar uma síntese, passaremos agora a descrever, brevemente, os povos que empreenderam essas últimas invasões no Ocidente medieval e o que isso proporcionou à nova configuração política e territorial.

HÚNGAROS, NORMANDOS E SARRACENOS

Não é nenhuma novidade a referência comparativa das primeiras invasões, àquelas germânicas que contribuíram para derrubar o Império Romano Ocidental, com as chamadas últimas invasões. Parece-nos que o mesmo clima de "terror" que assolou os cronistas romanos na transição da Antiguidade para a Idade Média também esteve sob a pena dos escritores medievais:

> "Vedes desabar sobre vós a cólera do Senhor... Só há cidades despovoadas, mosteiros em ruínas ou incendiados, campos reduzidos ao abandono... Por toda parte o poderoso oprime o fraco e os homens são semelhantes aos peixes do mar que indistintamente se devoram uns aos outros" (Trecho atribuído por Marc Bloch aos bispos da província de Reims, reunidos em Trosly apud BLOCH, 1982, p. 19).

O conhecido medievalista francês Marc Bloch destaca em seu livro A Sociedade Feudal que a nova civilização ocidental, "formada alguns

séculos antes, no escaldante cadinho das invasões germânicas" (BLOCH, 1982, p. 19), aparecia como uma cidadela sitiada ou mesmo semi-invadida e, segundo ele, por três lados de forma simultânea: "ao sul, pelos fiéis do Islão, Árabes ou Arabizados; a este, pelos Húngaros, ao norte pelos Escandinavos" (BLOCH, 1982, p. 20).

Podemos observar, deste modo, que o Império Carolíngio se via em uma situação bem próxima daquela enfrentada pelos romanos ocidentais séculos antes. Cabe ressaltar que no tema da aula de hoje, estamos nos focando no Ocidente, deixando de lado, desta forma, o Oriente Medieval, não por ser menos importante, mas é que os perigos de invasões e mesmo os territórios perdidos por consequência das mesmas devem ser analisados de maneira mais profunda, o que não cabe aqui. Por este motivo, optamos por nos fixarmos apenas no Ocidente. E como o já citado Marc Bloch, "deixemos o Oriente, onde os Basileis das dinastias amoriana e macedônica (828-1056) penosa e valentemente procederam à reconquista da Ásia Menor" (BLOCH, 1982, p. 20).

O primeiro dos povos que destacamos foram os húngaros, também conhecidos como *magiares*. De origem ugro-finês, composto por um lado por pescadores e criadores de renas habitantes do que hoje seria a Sibéria Ocidental e por outro lado advindos do que atualmente seria em grande parte a Finlândia, eles foram muito influenciados pelo processo migratório secular dos eslavos, iranianos e turcos, tendo se estabelecido, em finais do século IX, na planície de Panônia, região da Europa Central que, atualmente, corresponde à parte ocidental da Hungria e a parte oriental da Áustria, sendo banhada pelo rio Danúbio.

O processo migratório dos *magiares* se deve muito a pressão provocada pela chegada de um novo povo nas estepes asiáticas, o que os obrigou a sair da Ucrânia ocidental, se estalando na supracitada planície que naquele momento estava praticamente despovoada por consequência da destruição dos povos avaros pelas tropas de Carlos Magno.

Com sua chegada na Panônia, conduzidos pelo chefe Arpade, a situação da região se alterou. Os costumes e a economia húngara eram baseados no nomadismo, ou seja, não eram sedentários, com isso eles empreenderam uma série de incursões e ataques ao Ocidente. Entre 899, ano de sua primeira expedição em território ocidental até serem derrotados em 955, por Oto I, ocorreram mais de 30 incursões.

Contudo, o alvo principal dos seus ataques foram as regiões da Baviera e Lombardia, constantemente saqueadas durante praticamente meio século.

Os húngaros visavam fundamentalmente a obtenção de botim e escravos, o que se comprova, por suas constantes investidas contra as zonas rurais e mosteiros, evitando, deste modo, atacar cidades protegidas por muralhas, sem dúvida por não terem meios e tempo para tal.

Seus ataques eram fulminantes e assim como os normandos, souberam utilizar bem esta característica, assim como o terror que provocavam às

regiões atingidas. No entanto, apesar da violência dos seus ataques, os efeitos provocados por suas incursões parecem ter sido de uma importância menor do que se supõe.

Curiosamente, a derrota sofrida por eles, em 955, ocorreu no momento em que iniciavam sua sedentarização. Talvez isso explique, ao lado da eficácia da defesa alemã, o interrupção quase que completamente de suas expedições. Por volta desse mesmo período se iniciou também a conversão dos húngaros ao cristianismo. Os primeiros missionários foram os bizantinos, contudo, a partir de 970 se impuseram as missões enviadas pelo bispo bávaro Pilgrim. Por fim, com a conversão do príncipe húngaro Vajk (que troca seu nome por Estevão), aproximadamente, em 996, a Hungria paulatinamente passa a figurar como integrante da cristandade, principalmente, após o papa Silvestre II enviar a Estevão, em 998, a coroa real.

Apesar de todas as populações de língua germânica, principalmente, aqueles que habitavam ao Sul, após Carlos Magno, terem se tornado cristãs e sido incorporadas ao reino franco, mais ao Norte viviam outros Germanos, os quais, segundo Bloch, por serem independentes mantiveram as suas tradições particulares (BLOCH, 1982). Como afirma o supracitado medievalista:

> As suas linguagens, diferentes entre si, mas ainda mais diferentes dos idiomas da Germânia propriamente dita, pertenciam a outro ramo daqueles que há pouco se haviam destacado do tronco linguístico comum; damos-lhe hoje a designação de escandinavo. A originalidade de sua cultura, em relação com a dos vizinhos mais meridionais, manifestara-se definitivamente na sequência das grandes migrações que, nos séculos II e III da nossa era, tinham feito desaparecer muitos elementos de contacto e de transição, quase esvaziando as terras germânicas de homens, ao longo do Báltico e nas margens do estuário do Elba (BLOCH, 1982, p. 33).

Estes escandinavos, habitantes do extremo norte não formavam um amontoado de tribos tampouco uma nação única. Distinguia-se entre eles o que hoje seriam os dinamarqueses, os suecos e os noruegueses, porém, "havia entre estes grupos um ar de família muito acentuado e, sem dúvida, de misturas demasiado frequentes que aos vizinhos não podia deixar de sugerir a ideia de lhes aplicar um rótulo comum" (BLOCH, 1982, p. 33).

Por esse motivo, os Germanos do Sul passaram a denominá-los como "os homens do *Norte*", Nordman. Assim, ainda hoje são conhecidos, por nós, de maneira generalizada como "normandos".

Suas incursões, iniciadas por volta do ano 800, como já dito se assemelhavam muito com aquela empreendida pelos magiares e, segundo, Marc Bloch, durante quase um século e meio fariam "gemer" o Ocidente.

Como os sarracenos, foram grandes navegadores e suas embarcações possibilitavam uma boa desenvoltura tanto em mar quanto nos rios, pos-

sibilitando assim que conseguissem empreender seus ataques até o mais interior do litoral, podendo subir rio acima e com isso chegar até os mosteiros isolados.

Como afirma Marc Bloch,

> graças aos ritos funerários, podemos reconstituir com exactidão uma frota normanda. Um navio, oculto sob um montículo de terra amontoada, era esse, de facto, o túmulo preferidos dos chefes. No nosso tempo, as pesquisas, sobretudo na Noruega, trouxeram à luz do dia vários desses túmulos marinhos: embarcações solenes, na verdade, destinadas as clamas deslocações, de firod em fiord, mais do que às viagens para terras distantes, capazes, no entanto, quando era preciso, de efectuarem longos percursos, visto que um navio, exactamente copiado por um deles – o de Gokstad – pôde, no século XX, atravessar o Atlântico de lado a lado. As 'longas naves' que espalharam o terror no Ocidente eram de tipo sensivelmente diferente. Não a tal ponto, todavia, que a sua imagem não possa ser reconstituída com bastante facilidade por meio do testemunho das sepulturas, devidamente completado e corrigido pelos textos (BLOCH, 1982, p. 34 e 35).

Como podemos ver na fotografia abaixo, o barco reconstruído por Gokstad e citado pelo medievalista francês Marc Bloch, possui um projeto que facilita a navegação tanto de oceanos quanto mares:

O barco de Gokstad em exposição em Oslo, Noruega. Fonte: www.wikipedia.org

Porém, não devemos pensar que eram apenas navegadores, os normandos também foram grandes combatentes em terra, tendo no decorrer de sua história de incursões para as pilhagens várias cidades que não foram capazes de se defender. Assim, é possível verificar no decorrer de toda segunda metade do século IX, os reis Carlos, o Calvo, na França Ocidental; Lotário II, na Lorena e Carlos, o Gordo, na França Oriental, pagarem tributos para evitar os saques ou mesmo os desviarem para outras regiões.

Como temos visto na conjuntura geral das últimas invasões, podemos concluir que, praticamente, todos os povos empreendedores de pilhagens no período destacado, passaram gradualmente da incursão à possessão, com raríssimas exceções. De maneira bem resumida, destacaremos a questão dos normandos nesse quesito.

Porém, antes de tratarmos especificamente deste tema, cabe um pequeno parágrafo para a importância dos pequenos grupos *Vikings* nessas incursões rápidas voltadas para a obtenção de botins. Como bem demonstra a historiografia, apesar da etimologia da palavra viking ser ainda hoje bastante contestada, ela designa um aventureiro em busca de lucros e de guerras. Para Bloch, por exemplo, não se duvida que os grupos de vikings formados fora dos laços de família ou do povoado tenham se constituído com o objetivo da sua própria aventura, ou seja, próprio engrandecimento. Deste modo, ele destaca que "apenas os reis da Dinamarca, colocados à frente de um Estado pelo menos rudimentarmente organizado, tentavam já, nas fronteiras do sul, fazer verdadeiras conquistas, sem muito sucesso, aliás." (BLOCH, 1982, p. 37).

Lâminas de espadas vikings. Fonte: European -The Bridgeman Art Library-Getty Images

Como dito, de fato parece que de pouco a pouco, estes povos dados às pilhagens foram se estabelecendo nos locais de suas incursões, não sem certa resistência dos locais. Exemplos disso foi o reino de Wessex, com o monarca Alfredo. De qualquer modo, a Inglaterra foi se formando pela junção dos pequenos chefes anglo-saxões com os normandos, assim como uma parte da França, já naquela época conhecida como Normandia. Porém, não quer dizer que os normandos tenham constituído um só Estado. Ao contrário, verifica-se aqui e ali o território partilhado com pequenos chefes anglo-saxões.

Paulatinamente, assim como no caso dos *magiares*, os escandinavos foram se convertendo ao cristianismo. Levantam-se teses de causa que a conversão teria os persuadido a abandonar os hábitos de pilhagens e migrações, contudo, nada pode se afirmar como definitivo sobre este assunto. O fato é que com a cristianização normanda, encerra-se o ciclo das últimas invasões. Passamos, assim, aos sarracenos que, segundo, Marc Bloch dos inimigos até aqui descritos, eram os menos perigosos (BLOCH, 1982, p. 20).

Contudo, como na próxima aula trataremos o tema *O Islamismo na Península Ibérica Medieval*, falaremos pouco das incursões sarracenas ao que correspondeu o Império Carolíngio, na verdade, devemos considerá-las mais como tentativas do que como incursões propriamente ditas. Mais pertinente será quando tratarmos da presença árabe na parte do Ocidente Medieval que hoje corresponde aos países de Portugal e Espanha e assim, termos uma conjuntura mais ampla até mesmo da importância dos árabes na formação dos supracitados países.

De maneira geral, os carolíngios tiveram consciência, desde que ascenderam ao poder, do perigo que representavam os árabes instalados na *Hispânia* – nome correspondente ao que seria hoje a Península Ibérica, ou seja, composta pelos atuais países de Portugal e Espanha – desde 711. O vigor expansionista dos muçulmanos chegou a bater nas portas francesas, porém, foi contido por Carlos Martel na famosa batalha de Poitiers, em 732. Essa batalha foi tão significativa que para muitos ela auxiliou no fortalecimento da dinastia carolíngia. Baseado nisso o medievalista Henri Pirenne, em 1922, cunhou a famosa frase: "Sem o Islã, o Império Franco jamais teria existido. Sem Maomé, Carlos Magno seria inconcebível" (PIRENNE, 2010, p. 280). A partir da contenção dos muçulmanos em Poitiers os novos governantes da França tiveram sempre a preocupação e mesmo obsessão de proteger sua fronteira sul. Pepino, o Breve conseguiu ocupar Narbona, em 759 e seu filho Carlos Magno tomou Barcelona em 802 diminuindo assim a fronteira até Llobregat, o segundo rio mais longo da Catalunha.

A França se via a salvo de ameaças terrestres, porém, nestes períodos acima ressaltados os muçulmanos converteram-se, assim como os vikings, a uma ameaça marítima e essa diminuição fronteiriça da chamada Marca Hispânica através da tomada de Barcelona, seria um grave problema para

os francos, já que os islâmicos poderiam utilizar o rio Llobregat como via de assalto.

Há notícias datadas do começo do século IX de incursões de piratas sarracenos contra as costas do sul da Itália. Em 827 eles iniciaram seu empreendimento pela Sicilia até, enfim, alcançar o sul italiano de onde, apesar do empenho militar dos imperadores carolíngios, bizantinos e otônidas, só seriam expulsos no século XI.

Durante toda parte do século IX, todo século X e alguns anos do XI, os piratas sarracenos foram uma ameaça real ao Ocidente Medieval. Porém, com exceção da Sicilia, aonde chegaram a efetivamente se instalar e deixar uma profunda marca, as incursões sarracenas só tiveram efeitos localizados, diferentemente dos húngaros e normandos.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que as últimas invasões tiveram um impacto grande na sociedade do Ocidente Medieval, principalmente, como estudarmos na disciplina de História Medieval II, o feudalismo. Ao mesmo tempo, fica latente que as invasões dos séculos IX e X tiveram inúmeras semelhanças com as invasões germânicas do período Imperial Romano, mas, no entanto, não causaram o mesmo impacto que estas últimas. Podemos, inclusive, afirmar que o Império Carolíngio absorveu melhor, principalmente, húngaros e escandinavos, do que o Império Romano a ver a chegada dos germanos. Claro, que tudo isso deve ser relativizado frente as especificidades e mesmo as diversas linhas interpretativas da História das duas invasões.

Por fim, deve ficar evidenciado que, assim como os primeiros invasores, os escandinavos e húngaros das últimas invasões possuíam uma cultura tão elaborada quanto a daqueles dos territórios invadidos.

RESUMO

Nesta aula tivemos como objetivo estudar as características gerais das chamadas últimas invasões que ocorreram entre os séculos IX e X. Ao mesmo tempo, foi descrita as principais características de cada um dos povos que compuseram tais invasões.

Por fim, pudemos também observar que as últimas invasões tiveram várias semelhanças com as invasões germânicas do século V.

ATIVIDADES

1. Utilize os livros do seu Pólo e a Internet para saber mais sobre o tema desta aula.
2. Escreva um quadro comparativo entre as semelhanças entre as invasões do século V e as últimas invasões dos séculos IX e X.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula estudaremos de maneira específica o impacto da chegada dos muçulmanos na Península Ibérica Medieval.

REFERÊNCIAS

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**: Do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.
BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 1982.
LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: Edusc, 2005.
_____ ; SCHMITT, Jean-Claude. (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente**. Bauru: Edusc; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. 2v.
LOYN, Henry R. (Org.). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
HEERS, Jacques. História Medieval. Rio de Janeiro: Difel, 1977.
MUSSET, Lucien. Las Invasiones. El segundo asalto contra la Europa Cristiana (siglos VII-XI). Barcelona: Editorial Labor, 1982.
PIRENNE, Henri. **Maomé e Carlos Magno**: O impacto do Islã sobre a civilização européia. Rio de Janeiro: Contraponto/ Ed. PUC-Rio, 2010.